



Este artigo foi publicado na edição 1, em dezembro de 2004, da revista eletrônica e-compós: <http://www.compos.org.br/e-compos>

DOS ESTUDOS SOBRE O JORNALISMO ÀS TEORIAS DO JORNALISMO

**(Três pressupostos para a consolidação do jornalismo
como campo de conhecimento)**

*Elias Machado**
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Depois de mais de 300 anos da defesa da primeira tese de doutorado em jornalismo, por Tobias Peucer, em 1690, na Alemanha, o jornalismo ganha cada vez mais espaço acadêmico, com a criação de grupos de pesquisa, cursos de pós-graduação, revistas especializadas e associações científicas. A variedade de linhas de pesquisa, a diversidade dos estudos, a quantidade de pesquisadores envolvidos e a qualidade das revistas especializadas são indícios da vitalidade do jornalismo como objeto de estudo científico.

Neste artigo, dividido em três partes - 1) o reconhecimento da prática profissional como objeto legítimo de pesquisa; 2) o desenvolvimento de metodologias adequadas às particularidades do campo e 3) o financiamento às experiências multidisciplinares para pesquisas aplicadas -, pretendo aproveitar o mapeamento dos estudos desenvolvidos para, tomando como base a distinção entre estudos do jornalismo e teorias do jornalismo, discutir alguns pressupostos para consolidação do jornalismo como campo de conhecimento.

Palavras-chave:

Jornalismo – Pesquisa – Metodologias – Teorias - Multidisciplinar

* Elias Machado é jornalista e Doutor em Jornalismo. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. É o atual presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) <http://www.sbpjor.org.br>

1. A legitimação da prática profissional como objeto de pesquisa

Até a metade do século XX uma confusão epistemológica impediu a legitimação das pesquisas acadêmicas neste campo: a definição do jornalismo como uma simples prática profissional, que poderia existir sem a necessidade seja de uma formação universitária especializada, seja da produção de conhecimento sistemático.

Relegado ao terreno das práticas, coube ao Jornalismo, ao menos até o final do século passado e ao contrário de práticas profissionais mais antigas como o Direito, um status marginal dentro das universidades. Primeiro, pela tardia incorporação à lista dos cursos oferecidos. Segundo, pelo fato de permanecer como um espaço para o ensino de técnicas, que desconsiderava a necessidade de produção de conhecimento novo como um pressuposto para a formação dos futuros jornalistas.

Na verdade, para desfazermos a confusão, que permeia boa parte das discussões epistemológicas do campo da comunicação, devemos reconhecer que, como as demais práticas profissionais, dependendo da perspectiva, o jornalismo desempenha três funções diferenciadas: 1) de prática profissional; 2) de objeto científico e 3) de campo especializado de ensino.

Como prática profissional deveria ficar claro que o exercício do jornalismo exige o domínio de determinadas técnicas e conhecimentos específicos e que o jornalista profissional deve obedecer a um conjunto de normas deontológicas legitimadas, tanto entre os pares, quanto pelos demais setores sociais.

Como campo de ensino especializado, deveria ficar claro que a aprendizagem do jornalismo, um trabalho sistemático que vai muito além do conhecimento obtido por osmose nas redações, depende do desenvolvimento de metodologias especializadas, capazes de possibilitar aos docentes, tanto o repasse das novas teorias, quanto uma boa formação técnica aos futuros profissionais.

Como objeto científico com status próprio, deveria ficar claro que o jornalismo possibilita a fundação de um campo de conhecimento especializado que tendo na prática jornalística um objeto legítimo necessita para a sua plena compreensão o desenvolvimento de metodologias próprias, adaptadas as suas demandas particulares.

Até aqui, a pesquisa em jornalismo seja no Brasil, seja no exterior passou por três fases: 1) histórica de natureza individual por profissionais de outras áreas; 2) comandada por profissionais individuais, tanto por pesquisadores do campo, quanto de outras áreas 3) redes de pesquisadores para trabalhos multidisciplinares, quer com profissionais do campo, quer com profissionais de outras áreas. Ao longo dos últimos 100 anos, a pesquisa em jornalismo no Brasil passou por fases bem distintas.

Do final do século XIX, muito antes da exigência da formação universitária para o exercício da profissão, até os anos 70 do século passado, quando da criação dos primeiros cursos de pós-graduação em comunicação, a pesquisa dependia das iniciativas isoladas de pesquisadores talentosos, sem uma articulação nacional clara. Dos anos 70 até o começo dos anos 90 do século passado, registrou-se um período de desenvolvimento da pesquisa de forma sistemática, em cursos de pós-graduação, principalmente em São Paulo, ECA-USP e na ECO-UFRJ. Da metade dos anos 90 do século passado, até o presente, houve a disseminação dos pesquisadores em jornalismo, formados nos cursos de pós-graduação, seja no próprio país, seja no exterior, em diversos estados da federação, muitos abrigados pelos novos cursos de pós-graduação em comunicação, abertos fora do eixo Rio-São Paulo.

As principais linhas de pesquisa desenvolvidas ao longo do tempo são: *História do Jornalismo, Teorias do Jornalismo, Análise do discurso, Produção da Notícia, Recepção, Jornalismo Especializado, Jornalismo Digital e Teorias da Narrativa*. Estas linhas de pesquisa, cabe aqui salientar, na maioria dos casos existem como sublinhas dentro de linhas de pesquisa mais amplas nos programas de pós-graduação em comunicação. Como linhas de pesquisa formais, as linhas em jornalismo existem apenas em dois programas de pós em comunicação - na USP e na UnB. A seguir, faremos uma resenha genérica e necessariamente

sumária, com o único propósito de ilustrar nossa discussão, destas linhas de pesquisa:

1) *História do Jornalismo*: mais antiga linha de pesquisa existente no país, com trabalhos isolados pioneiros de Alfredo de Carvalho, Hélio Vianna e Néelson Werneck Sodré. Núcleos na USP, UERJ, UFF e UMESP; 2) *Teorias do Jornalismo*: com os trabalhos pioneiros de Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Rizzini, Antonio Olinto, Alceu de Amoroso Lima, Danton Jobim e Luiz Beltrão. Numa segunda etapa, destacam-se os pesquisadores oriundos de cursos de pós-graduação como José Marques de Melo, Muniz Sodré, Nilson Lage, Ciro Marcondes Filho, Cremilda Medina e Adelmo Genro Filho. Hoje os estudos mais consistentes de *Teorias do Jornalismo* estão vinculados aos pesquisadores da USP, UFBA, UnB e UFSC; 3) *Análise do discurso*: Trabalhos pioneiros de Antônio Fausto Neto, primeiro na UnB, depois na UFRJ e hoje na Unisinos. Os trabalhos mais consistentes são liderados por grupos na Unisinos, na UFRJ, PUC-SP, UFRGS e na UFBA; 4) *Produção da Notícia*: trabalhos pioneiros na PUC-RS; PUC-SP, UFF, UnB e USP. Hoje, os principais pesquisadores estão na PUC-SP, USP, UFPE, UnB e Federal Fluminense; 5) *Recepção*: trabalhos pioneiros na USP e na UFRJ. Os grupos mais consistentes estão na USP, UFRJ, Unisinos, UFRGS e UFBA; 6) *Jornalismo Digital*: trabalho pioneiro dos pesquisadores da UFBA e da ECA. Hoje os grupos mais consistentes estão na UFBA, na ECA e na UnB; 6) *Teorias da Narrativa*, trabalho que ganha corpo nos programas de pós da UnB e na USP e, por fim, 7) *Jornalismo Especializado*: pioneirismo na ECA e na Metodista. Principais núcleos de pesquisa, principalmente jornalismo científico e empresarial na USP, UMESP e PUC-RS. Núcleos de pesquisa na UnB, na UFPE e na Unicamp.

A nível internacional, as principais linhas de pesquisa em jornalismo são *Teorias do Jornalismo*, com expoentes em países como Alemanha, Estados Unidos, França, Portugal, Espanha, Inglaterra, Itália, Suíça e Austrália; *Produção da Notícia*: Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Austrália e Suécia; *História do Jornalismo*: Estados Unidos, Inglaterra, Espanha; Itália, França; *Ética no Jornalismo*: Alemanha, Estados Unidos, Espanha, México, Holanda e França; *Análise do discurso*: Estados Unidos, Holanda,

Inglaterra, Espanha e França; *Teorias da Narrativa*: Estados Unidos, Espanha e França. *Jornalismo digital*: Estados Unidos; Holanda, Dinamarca, Noruega, Portugal, Espanha, México, Canadá. *Recepção*: Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Inglaterra e França. *Sociologia do Jornalismo*: Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália. *Pesquisa Aplicada*: Ramo incipiente. Grupos nos EUA, nas Universidades de Kent, com Roger Fidler, Rutgers, com John Pavlik, antes vinculado à Universidade de Columbia, e Carolina do Norte.

2. O desenvolvimento de metodologias adequadas ao campo

O aumento da produção científica sobre o jornalismo, um dado relevante que merece ser saudado por todos os pesquisadores deste campo, nos conduz à exigência de identificar a particularidade do conhecimento resultante destes estudos. Como se pode vislumbrar pelas linhas de pesquisa identificadas neste trabalho, a maioria dos pesquisadores permanece numa relação instrumental com o objeto, utilizado para testar metodologias de outras áreas de conhecimento, sem a necessidade de compreender a natureza específica da prática jornalística e interessada em responder a perguntas oriundas de espaços de conhecimento distintos.

No atual estágio das pesquisas, os pesquisadores em jornalismo devem perceber que, legitimado como objeto científico com status próprio, temos pela frente o desafio, como veremos ao longo deste tópico, de estimular o desenvolvimento de metodologias adaptadas à compreensão do jornalismo como prática profissional, como objeto científico ou como campo especializado de ensino. Enquanto um pesquisador de um outro campo que estuda o jornalismo pode, porque suas perguntas são de outra ordem, satisfazer-se em aplicar metodologias oriundas de suas próprias disciplinas, um pesquisador que esteja interessado em descobrir as especificidades do jornalismo, seja como prática profissional, seja como campo especializado de ensino, deve preocupar-se, antes de mais nada, em como viabilizar a criação de metodologias de pesquisa ou de ensino adaptadas às particularidades do jornalismo.

Mais uma vez, aqui, a falta de tradição acadêmica acaba por desencorajar qualquer projeto de cunho metodológico, compelindo os pesquisadores debruçados sobre o jornalismo à dependência sistemática de metodologias forjadas para destrinchar objetos muito diferentes, com propósitos muito diversos daqueles postulados pelos pesquisadores do campo do jornalismo. De uma vez por todas, deveria ficar claro que as experiências teóricas mais consistentes são decorrentes de pesquisas, de algum modo, com fortes contribuições como modelos metodológicos de abordagem do fenômeno jornalismo como objeto de pesquisa com status próprio.

A título de um breve inventário, podemos citar, entre outras obras, as de Danna, 1895; Park, 1904; 1921; 1954; Lippman, 1920,1923; Angell, 1922; Barbosa Lima Sobrinho, 1923; Otto Groth, 1928-30,1948; 1960; Rosten, 1937; Hughes, 1940; Carlos Rizzini, 1945; Breed, 1954; Luiz Beltrão, 1960; Jobim, 1960; Lage, 1979; Marques de Melo, 1972, 1985; Genro Filho, 1987; Marcondes Filho, 1986, 2001; Medina, 1986; Mathien, 1987, 1998; Gomis, 1974, 1991; Meditsch, 1992; 1999; Machado, 1992, 2000, 2003; Cornu, 1994; Bechelloni, 1995; Sorrentino, 1996; Karam, 1997, 2004; Fidler, 1997; Senra, 1998; Chillón, 1999; Pavlik, 2001. O mérito destes trabalhos consiste em que todos têm como propósito comum desvendar os claro-escuros por detrás de cada uma das etapas de produção dos produtos jornalísticos. Muitos, como os de Danna, Park, Lippmann, Barbosa Lima Sobrinho, Angell, Rizzini e Luiz Beltrão, são de natureza ensaística. Outros, como os de Park, Otto Groth, Rosten, Hughes, Breed, Lage, Marques de Melo, Genro Filho, Marcondes Filho, Medina, Mathien, Gomis, Meditsch, Machado, Cornu, Bechelloni e Karam, são resultados de criteriosa pesquisa desenvolvida para obtenção de titulação acadêmica. O restante aparece como contribuição original de pesquisadores, todos com formação específica no campo ou com forte vinculação ao jornalismo como prática profissional.

Neste momento, quando - tendo como fundamento os diferentes tipos de pesquisa realizados - defendemos uma distinção entre os chamados estudos do jornalismo e as teorias do jornalismo, queremos que fique evidente nossa motivação metodológica, descomprometida com qualquer preconceito corporativo de que, por ventura, possamos vir a ser acusados. No caso dos

estudos do jornalismo, quando os produtos ou as práticas são examinados, qualquer pesquisador, mesmo sem um domínio prévio dos conceitos do campo, pode desenvolver uma pesquisa de qualidade, como ocorre em muitos casos Schudson, 1980; Tuchman, 1978; Van Dijk, 1980; Gunter, 2002. Mas, como consequência, o conhecimento da especificidade do jornalismo, desde o ponto de vista das demandas internas de aperfeiçoamento da prática - uma preocupação por definição restrita aos profissionais vinculados ao campo ou com formação especializada - fica fora dos objetivos destes trabalhos.

Mais preocupados em compreender as circunstâncias históricas do desenvolvimento do jornalismo nos Estados Unidos (Schudson, 1978), os ritos procedimentais do processo de produção da notícia (Tuchman, 1978), o discurso jornalístico (Van Dijk, 1982) e as decorrentes da aplicação da tecnologia digital no jornalismo (Gunter, 2002), nenhum destes exemplos recorre a um tipo de metodologia que possa vir a ajudar a lançar luzes sobre a prática jornalística desde o ponto de vista dos profissionais do campo. Schudson utiliza contribuições tanto da história, quanto da sociologia; Tuchman toma de empréstimo procedimentos tanto da sociologia do conhecimento, quanto da etnometodologia. Van Dijk, como um dos principais impulsionadores desta linha de pesquisa, opera com a metodologia da análise do discurso e, finalmente, Gunter realiza um estudo comparado do jornalismo nas redes telemáticas.

Todos estes trabalhos são de excelente qualidade, deveriam ser lidos por qualquer pesquisador do campo do jornalismo, mas - por definição metodológica - com raras exceções - dificilmente podem oferecer contribuições relevantes para desvendar aspectos específicos da prática jornalística. Notáveis pesquisadores - tanto na reconstituição histórica do aparecimento do jornalismo nos Estados Unidos, quanto na compreensão dos processos de produção no jornalismo, no particular -, Schudson e Tuchman, por exemplo, ficam devendo respostas mais convincentes sobre as funções da objetividade jornalística. Orientados por perspectiva externa ao campo, que desconhece os motivos ontológicos e deontológicos da existência da objetividade, Schudson a atribui ao cientificismo predominante na época, enquanto Tuchman a identifica como um ritual estratégico, utilizado pelos jornalistas como instrumento de autoproteção

diante de possíveis acusações das fontes, oferecendo pseudo-argumentos para quem desconsidera a objetividade como princípio relevante de fundamentação da prática jornalística, como evidenciado nas pesquisas de Schiller (1980), Machado (1992), Cornu (1994) e Guerra (1998, 2003.).

A dependência de estudos articulados em torno de metodologias vinculadas a outros campos do conhecimento estimula a replicação, sem limites, de estudos muito similares em que se toma o jornalismo como objeto, sem que ocorra, como contrapartida, a criação de teorias substantivas a serem ensinadas nos cursos de graduação em jornalismo. No caso brasileiro, mesmo que tenhamos mais de cem pesquisadores titulados com formação em jornalismo, com exceção de *Teorias do Jornalismo e História do Jornalismo*, seguimos diante de uma escassez enorme de títulos em áreas como *Metodologias de ensino em jornalismo; Metodologias de Pesquisa em Jornalismo; Teorias da Narrativa em Jornalismo e Pesquisa Aplicada em Jornalismo*.

O mapeamento das particularidades da pesquisa no campo do jornalismo, com a distinção entre estudos de jornalismo, realizados com metodologias oriundas em outros campos de conhecimento e teorias do jornalismo, responsáveis pela experimentação metodológica dentro do campo, representa, a meu ver, o primeiro passo para que possamos dar um salto qualitativo nas pesquisas em jornalismo e para que o jornalismo obtenha o certificado de objeto científico com status próprio. Dado este passo, estaríamos em condições de, como disciplina com objeto e metodologias específicas, estabelecer redes multidisciplinares de pesquisas sobre o jornalismo, como veremos no próximo tópico.

3. Experiências multidisciplinares de pesquisas aplicadas

Como todo objeto de pesquisa, o fenômeno jornalismo pode estar submetido às indagações dos mais diversos campos do conhecimento. O caráter multifacético dos fenômenos possibilita que, um mesmo objeto, neste caso o jornalismo como prática social, seja compreendido por olhares distintos. O que

deve ficar claro é que cada pesquisador parte para o campo de trabalho interessado em compreender determinados pontos obscuros, que – à luz do viés de uma formação especializada - julga relevantes e transcendentais em uma época dada.

Ao partir de pontos diversos, com perguntas muito distintas e utilizando ferramentas variadas, cada um, naturalmente, chegará a respostas diferentes dos demais. Como nenhum campo tem capacidade de compreensão absoluta de um dado objeto, e os resultados alcançados de forma isolada são, muitas vezes, complementares, nada mais aconselhável que - por economia de tempo, recursos e buscando acelerar a conquista dos resultados - que o trabalho de pesquisa seja confiado a grupos multidisciplinares, com mais motivos em sociedades complexas como as contemporâneas.

Um trabalho multidisciplinar, como definido pelo próprio conceito, provém de atividade conjunta de especialistas em diversas disciplinas particulares. Como campo de conhecimento estabelecido na esfera das Ciências Sociais Aplicadas era de se esperar que, com a disseminação generalizada das tecnologias digitais, o jornalismo estivesse no centro de experiências multidisciplinares de ponta para o desenvolvimento, por exemplo, de metodologias de ensino remoto, de composição de narrativas multimídia ou de modelos descentralizados de circulação de informações.

Até aqui - caso consideremos a natureza da pesquisa em jornalismo, tanto no Brasil, quanto no exterior - chegaremos à conclusão que ou o jornalismo está mal classificado na tabela das agências de fomento e, então deveríamos repensar as bases epistemológicas utilizadas para o mapeamento das áreas de conhecimento, ou a classificação está correta, mas - como defendemos neste trabalho - porque reluta em definir metodologias próprias de pesquisa, o jornalismo nem se constitui como um campo de conhecimento, nem tampouco consegue produzir saberes relevantes para estabelecer parcerias com pesquisadores de outras áreas interessados em compreender o mesmo objeto.

A renúncia dos pesquisadores em jornalismo à pesquisa aplicada muito se deve a uma tradição de ensino que associava a formação dos futuros jornalistas à de intelectuais beletistas, especializados na arte da escrita, sem qualquer

obrigação de ter que responder pela geração de novas tecnologias que viabilizassem a prática profissional a cada ciclo histórico. Uma renúncia que cobra altos custos quando do aperfeiçoamento das práticas profissionais, muito mal inventariadas nas pesquisas do campo. Forjado na tradição da escola ensaística, seja alemã, seja francesa, o pesquisador padrão em jornalismo continua tendo dificuldades de voltar-se para o próprio campo, fascinado por conceitos vindos de outras realidades e, muitas vezes, aplicados fora de lugar. E, mais grave do que a opção individual de cada pesquisador, como campo científico o jornalismo renuncia a sua função de fornecer elementos para a compreensão do jornalismo como objeto de pesquisa, deixando de contribuir para o aperfeiçoamento do jornalismo enquanto prática social.

A ruptura com este modelo que prima pelo empréstimo metodológico, em nenhum momento, implica desconhecer que os estudos de jornalismo são essenciais para a plena radiografia do campo. Neste artigo, o que pretendemos que fique bem claro é que a superação do impasse pressupõe as contribuições dos estudiosos destas outras disciplinas, mas - para que o diálogo seja frutífero - o pesquisador em jornalismo deve perceber que sem metodologias específicas dificilmente o jornalismo vai poder contar com teorias próprias. E, sem teorias próprias, cabe ao pesquisador em jornalismo a ingrata tarefa de medir o próprio território com a vara alheia.

Resultado: na melhor das hipóteses, segue produzindo estudos que, mesmo sem se dedicar à natureza da prática profissional, são considerados de alto valor intelectual. E, na pior, nem permite o aperfeiçoamento da prática profissional, nem tampouco consegue retirar o campo do beco sem saída em que se encontra. Uma alternativa viável para a situação consiste na reformulação dos modelos tanto de pesquisa, quanto de ensino do jornalismo, em grande parte culpados deste modelo esquizofrênico que convive, de um lado, com um ensino que dispensa a pesquisa sistemática sobre o objeto e, de outro, com uma atividade de pesquisa que renuncia à invenção de matrizes metodológicas.

Se, há um século, era aceitável que a pesquisa científica em campos emergentes resultasse de ações isoladas de pesquisadores individuais, como vimos antes, hoje, com a profissionalização da ciência, o trabalho acadêmico

passa pela constituição de redes multidisciplinares para o estudo de objetos comuns. A criação de redes apresenta inúmeras vantagens: 1) racionalização de recursos humanos e de infra-estrutura; 2) sinergia entre os pesquisadores oriundos de campos distintos de conhecimento e 3) ganho na escala de produção de resultados.

Dentro de uma rede multidisciplinar de pesquisa que esteja voltada para o estudo da *História do Jornalismo*, por exemplo, em vez de um estudo panorâmico como o de Schudson, em que a matriz tecnológica acaba sendo relevante para a definição do modelo de narrativa da pirâmide invertida, certamente haveria a necessidade de perguntar se, além desta razão, externa ao campo, existiria algum motivo interno que justificasse o modelo de narrativa adotado. Sem o contraponto do viés interno, orientado por uma perspectiva que busca entender as razões últimas da prática profissional, como ocorre hoje, porque desconhece as lógicas internas do objeto, grande parte do conhecimento produzido permanece no limbo, somente respondendo a perguntas externas ao campo. A pesquisa multidisciplinar possibilita, em contrapartida, que um conjunto diversificado e complementar de indagações seja feito sobre um mesmo objeto, com a vantagem de articular modelos metodológicos mais complexos, capazes de incorporar as preocupações das distintas disciplinas.

O incentivo à formação de redes multidisciplinares de pesquisa deveria atentar para uma salutar reorientação do campo do jornalismo para as Ciências Sociais Aplicadas, superando a total dependência das Ciências Sociais e Humanas. Até aqui, os estudos sobre o jornalismo pouco têm dialogado com a prática profissional porque, forçoso é dizer, as metodologias tomadas de empréstimo das disciplinas conexas são inadequadas para tal fim. Independente de se o pesquisador analisa produtos ou processos, fica patente que os objetivos destas análises são externos ao campo.

Como resultado, mesmo estando situado dentro do universo das Ciências Sociais Aplicadas, de forma paradoxal, a pesquisa em jornalismo tem sistematicamente voltado as costas para a pesquisa experimental aplicada. Em uma área que tem a prática profissional como centro irradiador de iniciativas, seja de pesquisa, seja de ensino, as conseqüências são muito graves. Os

laboratórios dos cursos ou dos programas de pós-graduação, que deveriam ser centros para a pesquisa de novas linguagens, processos, metodologias, tecnologias e aplicativos, quando existentes são simples espaços de apoio para os trabalhos de pesquisadores ou professores.

Quando da criação de redes multidisciplinares de pesquisa sobre o jornalismo caberia diversificar as origens dos pesquisadores, promovendo uma interação mais sistemática com as engenharias, cada vez mais próximas do campo do jornalismo. Se tivermos como objetivo ir além da simples análise de produtos ou processos, uma prática reiterativa nas pesquisas em jornalismo, devemos considerar a parceria com os pesquisadores da área tecnológica como inevitável. Para alcançar resultados de ponta, a pesquisa em jornalismo precisaria ser realizada por grupos multidisciplinares em laboratórios multiuso, capazes de, a um só tempo, serem espaço para a invenção de matrizes metodológicas tanto de pesquisa, quanto de ensino e o desenvolvimento de linguagens, processos, tecnologias e aplicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGEL, Norman. **The press and the organization of society**. London. The Labour Publishing Company. 1922.
- BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**. Santos. Presença. 1960.
- _____. **Jornal. História e Técnica**. Rio de Janeiro. MEC. 1964.
- BARBOSA LIMA SOBRINHO. **O problema da imprensa**. Rio de Janeiro. 1923.
- BECELLONI, Giovanni. **Giornalismo e post-giornalismo**. Napoli. Ligouri. 1995.
- BELAU, Angel Faus. **La ciencia Periodística de Otto Groth**. Pamplona. Universidade de Navarra. 1966.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro. Agir. 1960.
- _____. **A Imprensa Informativa**. São Paulo. Folco Masucci. 1969.
- BREED, Warren. **The news and newspaperman**. New York. Arno Press. 1980.
- CORNU, Daniel. **Jornalisme et Verité**. Ginebre. Labor et Fides. 1994.
- CHILLÓN, Albert. **Periodismo y literatura**. Barcelona. Editora da UAB. 1999.
- DANNA, Charles. **The art of newspaper making**. New York. Appleton. 1895.

DEUZE, Mark. Understanding, Studying and Teaching Journalism Across Boundaries **In Pauta Geral 6**. Salvador. Calandra. 2004. (No prelo).

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre. Tchê!, 1987.

FIDLER, Roger. **The mediamorphosis and new media**. The Thousand Oaks. Pine Forge Press. 1997.

FRÖLICH, Romy and HOLTZ-BACHA, Christina (Eds). **Journalism Education in Europe and North America. An International Comparasion**. New Jersey. Hampton Press. 2003

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**. Barcelona. Paidós. 1991.

_____ **El médio media. La función política de la Prensa**. Barcelona. Mitre. 1974.

GUERRA, Josenildo. **A Objetividade no jornalismo**. Dissertação de mestrado. FACOM-UFBA. 1998.

_____ **O percurso interpretativo da notícia**. Tese de Doutorado. FACOM-UFBA, 2003.

GUNTER, Berry. **The news and the Net**. New Jersey. LEA. 2002.

GROTH, Otto. **The politische presse Württembergs**. Tübingen. Tese. 1915.

_____. **Die Zeitung**. 4 Bde. Mannheim. 1928-30.

_____. **Die Geschichte der Deutschen Zeitungs wissenschaft. Problema und Methoden**. Munchen. Buchverlage Dr. Konrad Weinmayer. 1948.

_____. **Die Unerkannte Kulturmacht: Grundlengung de Zeitungswissenschaft**. Walter de Gruyter & Co, Berlin 1960 – 1972. 8 Vol

HUGHES, Helen. **The news and human interest story**. Chicago University Press. 1940.

IORIO, Sharon. **Qualitative Research in Journalism**. New Jersey. LEA. 2004

JOBIM, Danton. **O espírito do jornalismo**. Rio de Janeiro. São José. 1960.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Ética e liberdade**. São Paulo. Summus. 1997.

_____ **Ética jornalística e interesse público**. São Paulo. Summus. 2004.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Rio de Janeiro. Vozes. 1979.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro. Agir. 1960.

- LIPPMAN, Walter. **Liberty and The News**. New York. Harcourt, Brace and Hove, 1920.
- _____ **The Public Opinion**. New York. Free Press. 1922.
- MACHADO, Elias. **A dialética do discurso jornalístico**. Dissertação de Mestrado. UFRJ.1992.
- _____ **La estructura de la noticia en las redes digitales**. Tese de doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona. 2000.
- _____ **O Ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador. Calandra. 2003.
- MARQUES DE MELO, José. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo. Pioneira. 1972.
- _____ **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro. Vozes. 1985.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo. Ática. 1985.
- MATHIEN, Michel. **Les Journalistes et le système médiatique**. Paris.L' Harmattan. 1992.
- _____ **Les journalistes**. Paris. PUF. 1998.
- MEDINA, Cremilda. **A notícia como mercadoria**. São Paulo. Summus. 1985
- MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis. EDUFSC, 1992.
- _____ **O radio na era da informação**. Coimbra. Minerva. 1999.
- OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro. MEC. 1955.
- PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York. Columbia. Columbia University Press. 2001.
- PARK, Robert. **The Crown and Public**. Chicago. Chicago University Press. 1972. 2a ed., 1a ed., em alemão, Masse und Publlikum, Bern, Lack and Grunau, 1904.
- _____ **The inmigrant press and its problems**. New York. 1923.
- _____ **Collected Papers** Vol I, II and III, New York, Free Press, 1953, 1954, 1955.
- PEUCER, Tobias. **De relationibus novellis**. Leipzig. Tese de doutorado. Universidade de Leipzig. 1690.
- RIZZINI, Carlos. **O Livro, o jornal e a tipografia no Brasil**, São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1946.
- _____ **O ensino do jornalismo**. Rio de Janeiro. Mec. 1953.

- _____. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1968.
- ROSTEN, Leo. **The Washington Correspondents**. New York. 1937.
- SCHILLER, Dan. **Objectivity and the News**. Pennsylvania University Press. 1980.
- SCHUDSON, Michael. **Discovering of News**. New York. Basic Books. 1978.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1966.
- TUCHMAN, Gaye. **Making News**. New York. Free Press. 1978.
- Van Dijk, Teun. **The news as discourse**. New Jersey. LEA. 1980.
- VIANA, Helio. **Contribuição à História da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro. 1945.